



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



**Martins Pena**

*Os ciúmes de um pedestre*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Os ciúmes de um pedestre*  
*Ou: "O terrível capitão do mato"*  
**Martins Pena**

Atualização ortográfica e projeto gráfico

**Iba Mendes**

---

Peça escrita no ano de 1845.

Livro Digital nº 853 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Luís Carlos Martins Pena**

**(1815 - 1848)**



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

**OS CIÚMES DE UM PEDESTRE**  
**OU "O TERRÍVEL CAPITÃO DO MATO"**  
**COMÉDIA EM UM ATO**



**PERSONAGENS:**

ANDRÉ JOÃO (pedestre)

BALBINA (sua filha)

ANACLETA (sua mulher)

ALEXANDRE (amante de Balbina)

PAULINO (amante de Anacleta)

ROBERTO (pai de Anacleta)

O cabo da patrulha, soldados permanentes.

*A cena passa-se no Rio de Janeiro.*

**ATO ÚNICO**

*Sala ordinária. Porta no fundo e laterais. No segundo plano, à direita, um armário, e à esquerda, uma escada de mão, que se supõe conduzir a uma trapeira sobre o telhado. No alto de cada uma das portas laterais haverá um buraco. Uma mesa, sobre a qual estará uma vela apagada. É noite.*

**CENA I**

*Ao levantar do pano, estará a cena às escuras e só. Ouve-se dar meia-noite em um sino ao longe. Logo que tenha expirado a última badalada, aparece Paulino sobre a escada e principia a descer com precaução.*

PAULINO (*ainda no alto da escada*)

Meia-noite. São horas de descer... (*Principia a descer*) Ele saiu... Anda a estas horas em procura de negros fugidos... Que silêncio! O meu bem ainda estará acordado? A quanto me exponho por ela! Escorreguei no telhado e quase caí na rua. Estava arranjado! Mas, enfim, o telhado é o caminho dos gatos e dos amantes à polca... Mas

cuidado com o resultado!(*Neste tempo está nos últimos degraus da escada*) Ouço rumor

## CENA II

*Balbina, da esquerda, metendo a cabeça no buraco da porta.*

BALBINA (*chamando*)

Minha madrasta? Minha madrasta?

PAULINO (*à parte*)

Mau! A filha está acordada...

BALBINA (*no mesmo*)

Dra. Anacleta? Dra. Anacleta?

ANACLETA (*da direita, metendo a cabeça no buraco da porta*)

O que queres, Balbina?

PAULINO (*à parte*)

É ela...

BALBINA

Já deu meia-noite...

ANACLETA

E foi só para me dizeres isso que me chamaste? Vai dormir, que eu não estou para conversar a estas horas e de poleiro... Adeus.

BALBINA

Pelo amor de Deus, espere!

ANACLETA

Para quê?

BALBINA

Estou com medo...

ANACLETA

Ora, não sejas criança. Vai dormir.

BALBINA

Não posso... Eu estava cosendo; fui espevitar a vela e apaguei-a... Fiquei às escuras. Nisso deu meia-noite... Arrepiaram-se-me os cabelos... Levantei-me e ia meter-me na cama assim mesmo vestida, quando ouvi as tábuas do forro estalarem como se uma pessoa andasse sobre elas...

PAULINO (*à parte*)

E não enganou-se...

ANACLETA

O medo é que te fez crer isso.

BALBINA

Não, não foi o medo, bem ouvi... E fiquei com tanto susto, que nem ousava respirar. Afinal, cobrei ânimo para chegar até aqui e chamá-lo.

ANACLETA

Quem pode a estas horas andar lá pelo forro?

PAULINO (*à parte*)

Eu...

BALBINA

Não sei.

ANACLETA

Foi engano teu. As tábuas à noite estalam com o calor.

BALBINA

Bem pode ser; mas tenho medo. Não posso ficar só às escuras, morrerei de susto. Se eu pudesse ir para lá...

ANACLETA

Bem sabes que é impossível. Ambas estas portas estão fechadas e teu pai levou as chaves.

BALBINA

Meu Deus! Mas fique aí conversando comigo, até que meu pai entre.

ANACLETA

Isto é, queres que fiquemos aqui até de madrugada, que é a hora que ele volta?

PAULINO (*à parte*)

Muito bem, não enganei-me!

BALBINA

Meu Deus, meu Deus, por que meu pai desconfia tanto de nós, que nos deixa assim fechadas cada uma no seu quarto? Se ao menos nos deixasse juntas!

ANACLETA

Ele diz que uma mulher só é capaz de enganar ao diabo, e que duas juntas enganariam o inferno em peso.

PAULINO (*à parte*)

Que tal o pedestre? E o mais é que não deixa de ter sua razãozinha...

BALBINA

E por isso deixa-nos presas e separadas quando sai para suas deligências. Pois olhe: se meu pai continua a desconfiar assim e aperta comigo, eu prego-lhe alguma.....

ANACLETA

E eu também.

PAULINO (*à parte*)

Bravo, isso mesmo é o que eu quero...



BALBINA

Nunca lhe dei motivos para assim tratar-me.

ANACLETA

E eu, que motivos lhe tenho dado? O remédio é ter paciência. Adeus.

BALBINA

Não, não, espere!

ANACLETA

Escuta. Vai à gavetinha da mesa que está aí no canto à esquerda, tira uma caixinha de fósforo que lá guardei esta manhã, e acende a tua vela.

BALBINA

Pois sim, mas não saia daí enquanto eu procuro o fósforo.

ANACLETA

Medrosa! Pois vai, que fico esperando.

BALBINA

Pelo amor de Deus, não saia daí! (*Desaparece do buraco*)

### CENA III

*Balbina, Paulino, e Anacleto no buraco da porta.*

PAULINO (*à parte*)

Vamo-nos aproximando...

*(Caminha com precaução para aonde ouve a voz de Anacleto)*

ANACLETA

Pensa meu marido que se guarda uma mulher prendendo-a debaixo de sete chaves! Simplório! Não sabe que quando elas não se

guardam a si mesmas, nem quantas fechaduras e portas há são capazes de as reter. O pior às vezes é desconfiar.

PAULINO (*à parte caminhando*)

Não há dúvida, o pior é desconfiar...

ANACLETA

Os ciúmes despropositados de alguns maridos fazem com que as mulheres pensem em coisas que nunca lhe passariam pela cabeça, se eles tivessem mais confiança.

PAULINO (*à parte*)

Pobres maridos! Eu arrisco-me a falar-lhe...

ANACLETA

Se o meu não me atormentasse com ciúmes, eu não teria de certo dado atenção ao meu vizinho...

PAULINO (*à parte*)

Ai que fala da pessoa!

ANACLETA

Pois como desconfia de mim, hei de namorar o vizinho, ainda que não seja para vingar-me...

PAULINO (*alto*)

Sim, sim, meu bem, vinga-te! Aqui estou eu para vingarmo-nos!

ANACLETA

Ai, ai, ladrões! (*Sai do buraco e continua a gritar dentro*)

PAULINO (*assustado, batendo na porta*)

Fi-la bonita! Espantei-a! Sou eu, sou eu! É o vizinho... Não sou ladrão, não grite... Olhe que sou eu... (*Anacleta continua a gritar dentro*) Pior! Isto não vai bem... (*Batendo na porta*) Sou eu, sou o vizinho amado... Tome esta cartinha... por baixo da porta... (*Assim*

*dizendo, mete uma carta debaixo da porta. Balbina aparece no buraco da porta à direita)*

BALBINA

O que é? Que gritos são estes?

PAULINO (*à parte*)

Mal vai ela... Safemo-nos, há já uma de mais... (*Encaminha-se para sair*)

BALBINA

Minha madrasta? (*Paulino cai sobre uma cadeira*) Quem está aí?

PAULINO (*perdendo a cabeça*)

Não é ninguém...

BALBINA (*sai do buraco e principia a gritar*)

Ladrões, ladrões!

PAULINO (*só e assustado*)

Mais esta! O melhor é safar-me... Como grita! Que goelas! Se chega o pedestre, estou arranjado! Namoro de telhado dá sempre nisto... Aonde diabo está a escada? (*Esbarrando-se no armário*) Isto é um armário... Estou desorientado... Calaram-se. A escada deve estar deste lado... Ouço passos! Meu Deus, será ele?

PEDESTRE (*dentro*)

Anda para diante...

PAULINO

Oh, diabo, é ele! Se aqui me pilha, mata-me... Ou ao menos leva-me para a Correção. (*Procura a escada com ansiedade*) Ah, enfim! (*Vai a subir apressado e a escada rebenta pelo meio, e ele rola pela cena*) Ai, ai! (*Levantando-se apressado*) Maldito namoro! Que hei de fazer? A escada quebrou-se! Abrem a porta! Jesus! (*Procura o armário*) Ah! (*Esconde-se no armário*)

#### CENA IV

*Abre-se a porta do fundo e por ela entra o Pedestre com uma lanterna de furta-fogo na mão esquerda e trazendo preso, na mão direita, pela gola da camisa, Alexandre, disfarçado em negro.*

PEDESTRE

Entra, paizinho...

ALEXANDRE

Sim sinhô...

*(O Pedestre, depois de entrar, fecha a porta por dentro)*

PEDESTRE

Agora fuge...

ALEXANDRE

Não sinhô...

*(O Pedestre acende uma vela que está sobre a mesa e apaga a lanterna)*

PEDESTRE *(enquanto acende a vela)*

Quem é teu senhor?

ALEXANDRE

Meu sinhô é sinhô Majó, que mora na Tijuca.

PEDESTRE

Ah! e que fazias tu à meia-noite na rua, cá na cidade?

ALEXANDRE

Estava tomando fresco, sim sinhô.

PEDESTRE

Tomando fresco! Olha que patife... Estavas fugido.

ALEXANDRE

Não sinhô.

PEDESTRE

Está bom, eu te mostrarei. Hei de te levar amarrado a teu senhor. (*À parte*) Mas há de ser daqui a quatro dias, para a paga ser melhor. (*Para Alexandre*) Vem para cá. (*Encaminha-se com Alexandre para a segunda porta à esquerda e quer abri-la*) É verdade, está fechada... E a chave está lá dentro do quarto de Balbina. (*Para Alexandre*) Espera aí. Se dás um passo, dou-te um tiro.

ALEXANDRE

He!

PEDESTRE

He, hein? Vê lá!

(*Encaminha-se para a porta do quarto de Balbina, tira da algibeira uma chave e abre a porta. Balbina, ouvindo da parte de dentro abrirem a porta, principia a gritar*)

BALBINA (*dentro*)

Ai, ai! Quem me socorre? Quem me socorre?

PEDESTRE

Que é lá isso? Balbina, por que gritas? Sou eu. (*Abre a porta e entra no quarto*) Que diabo!

## CENA V

*Alexandre, Paulino espiando da porta do armário e Anacleto espiando pelo buraco da porta.*

ALEXANDRE (*com o seu falar natural*)

Estou só... Tomei este disfarce, o único de que me podia servir para introduzir-me nesta casa, a fim de falar à minha querida Balbina... Com que vigilância a guarda o pai! Quem sabe como me sairei desta

empresa... Quem sabe... Talvez muito mal; o pedestre é endiabrado... Coragem, agora nada de fraqueza...

PAULINO (*à parte, do armário*)  
Estou arranjado! Como sair daqui?

ANACLETA (*chegando ao buraco da porta*)  
Um negro! Meu marido já entrou... E o vizinho? A carta era dele... Sairia?

PAULINO (*vendo Anacleta no buraco*)  
É ela! Psiu...

ALEXANDRE (*voltando-se*)  
Quem chama? (*Paulino e Anacleta, vendo o negro voltar-se, desaparecem*)  
Aqui há gente... Mau, já não vou gostando... (*Olhando espantado ao redor de si*)

## CENA VI

*Entra o Pedestre e Balbina.*

PEDESTRE  
Por que gritavas?

BALBINA  
Pensei que eram ladrões. Ouvi bulha aqui na sala...

ALEXANDRE (*à parte*)  
Como o meu coração bate! Prudência... (*Principia a fazer sinais para Balbina*)

PEDESTRE  
Fui eu que entrei, e mais cedo do que costumo. Encontrei este tratante dormindo na calçada, aqui mesmo defronte da porta. Estava tomando fresco... Ladrões, dizes tu? Ladrões em casa de pedestre?

Tão tolos não são eles. Aqui não há que roubar, e vinham entregar-se com a boca na botija, pois não?

BALBINA (*reconhecendo Alexandre*)  
Meu Deus!

PEDESTRE  
Hein?

BALBINA (*disfarçando*)  
Nada, não senhor. (*À parte*) Que loucura!

(*Neste tempo Alexandre tem na mão uma cartinha, que mostra a Balbina*)

PEDESTRE  
Anda, vai-te deitar, que estás sonhando. E tu... (*Volta-se para Alexandre e o surpreende mostrando a carta a Balbina*) Ah! (*Salta sobre ele e arranca-lhe a carta*)

BALBINA (*à parte*)  
Meu Deus!

PEDESTRE  
Ah, patife, tu trazes cartinhas! (*Voltando-se para a filha*) E tu as recebes... Velhaca!

BALBINA (*recuando*)  
Meu pai!

PEDESTRE  
Vejam quem te escreve, para depois castigar-te. (*Abre a carta e lê*) "Meu amor... (*Falando*) Ah, já és seu amor? (*Continuando a ler*) Apesar das cautelas de teu pai, um estratagema me conduzirá junto de ti... (*Falando*) Ah, um estratagema! (*Olha receoso ao redor de si*) ...e arrancando-te à sua crueldade, serás minha esposa." (*Falando*) Não tem assinatura... (*Fica pensativo*)

BALBINA (*à parte*)

Eu tremo!

ALEXANDRE (*à parte*)

O que fará? Em boas meti-me!

PEDESTRE (*caminha para Alexandre sem dizer palavra e dá-lhe uma bofetada*)

Principio por ti... (*Alexandre, esquecendo-se do caráter que representa, quer ir sobre o Pedestre, mas vendo Balbina, que com as mãos postas pede-lhe que se modere, contém-se. Pedestre, agarrando Alexandre pela gola da camisa*) Quem mandou esta carta?

ALEXANDRE (*à parte*)

Felizmente não me conhece...

PEDESTRE

Quem mandou esta carta? Fala, ou eu...

ALEXANDRE

Não sei, não sinhô; foi um branco que me deu.

PEDESTRE

Que branco?

ALEXANDRE

Não sei, não sinhô.

PEDESTRE

Ah, não sabes? (*Querendo puxar da espada*)

BALBINA

Meu pai!

PEDESTRE

Espera tu, que temos também que falar. (*Para Alexandre*) Então? Quem é o branco?



ALEXANDRE

Eu vou contá tudo. Um branco me disse: José, toma dez tostões; quando dé meia-noite vai para o Beco dos Aflitos fazê negro fugido... E quando o pedestre que mora lá mesmo no Beco dos Aflitos sair, deixa ele prendê você e levá para casa... E entrega esta cartinha à sinhá Balbina... Está... Mas não sei quem é o branco... Foi para ganhar dez tostões...

PEDESTRE

Hum, é assim? Que trama! Vem cá, negrinho da minha alma, tratante... Amanhã, hein? Correção, cabeça rapada e... *(Faz sinal de dar pancada)* Mas antes, hein? meu negrinho, hei de te dar uma reverendíssima maçada de pau bem repinicadinha. Vem cá, meu negrinho...

ALEXANDRE *(querendo resistir)*

Mas sinhô...

PEDESTRE

Vem cá, vem cá...

*(Vai levando-o para o segundo quarto à esquerda e mete a chave na fechadura, para abrir a porta)*

BALBINA *(à parte, enquanto o Pedestre abre a porta)*

Pobre Alexandre, a quanto se expõe ele por mim! Mas que loucura a sua, assim disfarçar-se!

PAULINO *(à parte, espiando do armário)*

Isto principia muito mal... E acabará ainda pior!

PEDESTRE *(empurrando Alexandre para dentro do quarto)*

Entra! *(Fecha a porta e tira a chave)*

BALBINA *(à parte, a tremer de susto)*

Ai de mim! Matai-me, meu Deus! (*Pedestre encaminha-se para Balbina e, chegando junto dela, observa-a por alguns instantes, calado. Balbina treme de susto, enquanto o pai a observa. Pedestre, sem dizer palavra, volta-se, e abrindo a gaveta da mesa, dela tira uma palmatória. Balbina, vendo-o tirar a palmatória*) Ah!

PEDESTRE (*indo para ela*)  
Dá cá a mão!

BALBINA  
Meu pai!

PEDESTRE  
Dá cá a mão!

BALBINA  
Oh! (*Recuando*)

PEDESTRE (*seguindo-a*)  
Dá cá a mão!

BALBINA (*escondendo as mãos atrás das costas*)  
Não sou criança para levar de palmatória!

PEDESTRE  
Não és criança... Mas és namorada, e eu cá ensino as namoradeiras a palmatória. Santo remédio! Venha!

BALBINA  
Meu pai, meu pai, pelo amor de Deus!

PEDESTRE  
Ah, a menina tem namorados, recebe cartinhas e quer casar-se contra minha vontade! Veremos... Venha, enquanto está quente... Venha!

BALBINA (*caindo de joelhos*)

Por piedade!

PEDESTRE

Só quatro dúzias, só quatro dúzias...

BALBINA

Oh, não, não, meu pai! (*Abraçando-lhe as pernas*) Meu pai, que lhe fiz eu? Que culpa tenho eu, se me escrevem? Posso eu impedir que me escrevam?

PEDESTRE

Pode, pode! Não dê corda! Venha!

BALBINA

Mas isso é uma injustiça! Eu não conheço ninguém, não vejo ninguém, vivo aqui fechada...

PEDESTRE

Quanto mais se não vivesse...

BALBINA

Que culpa tenho, se alguém se lembra de escrever-me? Não posso prevenir isso... Escrevem-me, mandam a carta por um negro... e sou eu quem pago, eu, que não tenho culpa nenhuma! Meu pai, perdoe-me! Indague quem foi a pessoa que escreveu-me e castiga-o... Mas eu? Oh, perdão, meu bom paizinho!

PEDESTRE

Levanta-te. Olha, tu não levarás os bolos por esta, mas também não me hás de embaçar mais. Porém quero saber quem é o sujeitinho que quer armar o estratagema para lograr-me. Lograr-me! A mim, que sou macaco velho no ofício... Quero ver se é capaz de pôr o pé nesta casa ou se te fará dar um só passo daqui para fora. Então, não sabes ele quem é?

BALBINA

Já lhe disse que não, meu pai.

PEDESTRE

Está bem, chama tua madrasta. Toma a chave. Ela mo dirá.

*(Balbina vai abrir a porta e sai por ela)*

## CENA VII

*Pedestre e Paulino no armário. Pedestre passeia, pensativo, de um para outro lado da sala.*

PAULINO *(à parte, no armário)*

No que diabo estará ele pensando!

PEDESTRE

Estratagema! Qual será o estratagema? É preciso toda a cautela... Ora, eis ai está! Fecham-se, aferrolham-se estas mulheres e elas sempre acham uma abertazinha para nos pregarem mesmo na menina do olho... Ah, mas deixem-nas comigo... Só fica logrado aquele que as não conhece. Porta sempre fechada – e os melros que andem por fora da gaiola...

PAULINO *(à parte, no armário)*

Dentro já estou eu...

ALEXANDRE *(à parte, no buraco da porta)*

Eu cá estou de dentro...

PEDESTRE

Veremos quem é capaz de lograr-me... Lograr André Camarão! Cá a menina, levarei a palmatória. Santa panacéia para namoros! E minha mulher... Oh, se lhe passar somente pela ponta dos cabelos a idéia de enganar-me, de se deixar seduzir... Ah, nem falar nisso, nem pensar! Eu seria um tigre, um leão, um elefante! A mataria, a enterraria, a esfolaria viva. Oh, já tremo de furor! Vi muitas vezes Otelo no teatro, quando ia para platéia por ordem superior. O crime de Otelo é uma migalha, uma ninharia, uma nonada, comparado

com o meu... Enganar-me! Enganar, ela! Ah, nem sei do que seria capaz! Amarrados ela e o seu amante, os mandaria de presente ao diabo, acabariam na ponta desta espada, nas unhas destas mãos, no talão destas botas! Nem quero dizer do que seria capaz.

PAULINO (*à parte, no armário*)  
Deus se compadeça de mim!

PEDESTRE  
Oh, mataria o gênero humano, se o gênero humano seduzisse minha mulher!

PAULINO (*à parte*)  
Quem me reza por alma?

PEDESTRE  
Ela que chega... E eu não me fio nela...

### CENA VIII

*Os mesmos, Anacleta e Balbina.*

ANACLETA  
Mandou-me chamar?

PEDESTRE  
Sim, espere. E tu, (*para Balbina*) vai aquecer uma xícara de café, que tenho a cabeça muito esquentada. (*Balbina sai*)

PAULINO (*à parte*)  
Atenção...

PEDESTRE (*para Anacleta*)  
Chegue-se para cá. (*Assenta-se*)

ANACLETA (*aproximando-se*)  
Aqui me tem.

PEDESTRE

Quem vem a esta casa quando eu estou fora?

PAULINO (*à parte*)

Ninguém...

ANACLETA

Zombas comigo? (*Olhando ao redor de si*) Ele saiu...

PEDESTRE

Responda ao que lhe pergunto. Quem vem a esta casa?

ANACLETA

Quando sais não fechas todas as portas e não nos deixas presas cada uma de seu lado? Como queres que aqui venha alguém?

PEDESTRE (*levantando-se*)

Portas fechadas! Que valem portas fechadas? As fechaduras não têm buraco?

ANACLETA (*à parte*)

Com que homem casei-me eu!

PEDESTRE (*à parte*)

Hei de ver se descubro umas fechaduras sem buraco... (*Alto*) Anacleta, ouve bem o que te vou dizer. Tu me conheces, e sabes se sou capaz de fazer o que digo – e ainda mais. Sempre que saio deixo esta casa fechada, portas e janelas, e sempre que aqui estou tenho os olhos alerta. E apesar de todas estas cautelas, Balbina enganou-me.

ANACLETA

Enganou-te?

PEDESTRE

Tem um amante, recebe cartinhas e está fiada em um estratagemas para lograr-me. (*Olha ao redor de si*) Mas isso veremos... Mas onde

diabo viu ela esse sujeito? Quando, como? Aqui está o que me amofina, o que derrota a minha finúria de pedestre e faz-me andar a cabeça à roda. Tantas cautelas, e por fim logrado! Ah, mulheres! Diabos! Vamos, tu deves saber quem é ele? Como se chama? Onde foi que Balbina o viu? Em que lugar? Por que buraco? Por que greta?

ANACLETA

Nada sei.

PEDESTRE (*pegando-lhe no braço, furioso*)

Nada sabes?

ANACLETA

Não!

PEDESTRE

Mulher!

ANACLETA

Matai-me, porque deixarei de sofrer!

PEDESTRE

Matar-te! Isso fica para quando o mereceres... Por ora, basta que eu seja mais cauteloso. Todas as portas, todas as janelas desta casa vão ser pregadas a prego... Um pequeno postigo naquela porta – quanto caiba meu corpo – será bastante para eu sair... E o postigo fechará como uma tampa de caxeta e aldraba – nada de fechaduras com buraco! A luz virá pelo telhado... Não, não, os telhados andam também muito perigosos... Uma candeia de dia e de noite estará acesa aqui. Quero ver se assim me logram.

ANACLETA (*com muita tranquilidade*)

Agora que te ouvi, ouve-me também. Fecha todas estas portas, prega-as, calafeta-as, rodeia-me de vigias e cautelas, que eu hei de achar uma ocasião para fugir!

PEDESTRE

Tu? Oh!

ANACLETA

Eu, sim! E irei direitinha daqui para o Recolhimento, donde saí, depois de queixar-me às autoridades.

PEDESTRE

Tu és capaz de fugir daqui?

ANACLETA

Sou sim!

PEDESTRE

Meu Deus, como hei de eu fechar estes demônios, estas endiabradas?

ANACLETA

Minha mãe – Deus a perdoe! – lançou-me na roda dos enjeitados. Na Santa Casa fui criada e educada...

PEDESTRE

Boa educação!...

ANACLETA

Privada dos carinhos maternos, pobre e abandonada como eu era, encontrei nessa casa de misericórdia cristã amparo e proteção; nela cresci e nela aprendi a orar a Deus pelos meus benfeitores e por minha mãe, que me havia abandonado, minha mãe, de quem só possuo no mundo esta cruz que desde o berço me acompanha...

*(Assim dizendo, beija uma cruzinha que traz pendente ao pescoço)*

PEDESTRE

Esta história eu já ouvi muitas vezes, e faz-me sono...

ANACLETA

Pois dorme.



PEDESTRE

Assim era eu tolo... Quem se casa não dorme, ou... Bem sei o que digo.

ANACLETA

Então vai ouvindo. Como recolhida, tive quatrocentos mil-réis de dote... E tu te casaste comigo por causa desses quatrocentos mil-réis, e só por eles.

PEDESTRE

Eu os daria agora a quem me livrasse da pensão de te guardar.

ANACLETA

E deixei assim uma habitação de paz por este inferno em que vivo. Oh, mas estou resolvida, tomarei uma resolução. Fugirei desta casa, onde vivo como miserável escrava; irei ter com meus benfeitores, contar-lhes-ei o que tenho sofrido desde que os deixei. Pedirei justiça, para mim e para tua primeira vítima... Oh, recorda-te bem, André, que tua primeira mulher, a infeliz mãe de Balbina, morreu arrebatada de desgostos, e que teus loucos ciúmes abriram-lhe a sepultura...

PEDESTRE

Morreu para minha tranquilidade; já não é preciso vigiá-la...

ANACLETA

Oh, que monstro!

PEDESTRE

Anacleta! Anacleta! Tu queres pregar-me alguma! Nunca te ouvi falar assim, e se agora o fazes, é que te sentes culpada...

ANACLETA

Não, é que me sinto cansada; já não posso com esta vida; não quero morrer como ela.

PEDESTRE

Até agora tenho-te tratado como um fidalgo, nada te tem faltado, a não ser a liberdade...

ANACLETA (*à parte*)

É o necessário...

PEDESTRE

Confiava em ti... porque tinha sempre a minha porta fechada. Mas minha filha enganou-me, apesar das portas fechadas, e tu também me enganarás...

ANACLETA

Oh!

PEDESTRE (*com voz concentrada*)

Se é que já não me enganaste!

ANACLETA

Isto é muito!

PEDESTRE (*pegando-lhe pelo braço*)

Mulher, se eu tivesse a mais pequena desconfiança, o menor indício que... bem me entendes... eu... eu... te mataria!

ANACLETA (*recuando, horrorizada*)

Ah!

PEDESTRE (*caminhando para ela*)

Sim, a minha afronta eu lavaria no teu sangue, e a minha...

(*Aqui vê ele no seio da mulher a ponta da carta que Paulino meteu por baixo da porta e que ela apanhou, e com rapidez a arrebatá-la*)

ANACLETA

Ah! (*À parte*) Estou perdida!

PEDESTRE (*com a carta na mão*)

Uma carta! Hoje já são duas! Chovem cartas em minha casa, apesar das portas fechadas! Ela também! (*Indo para Anacleta*) De quem é esta carta? Eu tremo de a ler!

ANACLETA

Esta carta?

PEDESTRE

Sim!

ANACLETA

Não sei...

PEDESTRE

Oh! (*Abrindo a carta com furor e amarrotando-a nas mãos*) Ei-la!  
(*Arredando-a dos olhos, todo trêmulo*)

ANACLETA (*suplicante*)

André!

PEDESTRE

A prova da minha desonra! (*Tomando-a pelo braço, a conduz para junto da vela que está sobre a mesa*)

ANACLETA

Deixai-me! O que queres de mim?

PEDESTRE (*apresentando-lhe a carta à luz da vela*)

Lê!

ANACLETA

André, piedade! (*Muito aterrorizada*)

PEDESTRE

Lê comigo! (*Lendo*) “Minha bela Anacleta...”

ANACLETA (*repetindo*)  
Minha bela Anacleta...

PEDESTRE (*lendo*)  
...Teu marido é um animal...

ANACLETA (*repetindo*)  
...Teu marido é um animal...

PEDESTRE (*no mesmo*)  
...e tu és um anjo.

ANACLETA (*no mesmo*)  
...e tu és um anjo.

PEDESTRE (*no mesmo*)  
Esta noite irei ver-te...

ANACLETA (*no mesmo*)  
Esta noite irei ver-te...

PEDESTRE (*no mesmo*)  
...e se não tiver a fortuna de encontrar-te...

ANACLETA (*no mesmo*)  
...e se não tiver a fortuna de encontrar-te...

PEDESTRE (*no mesmo*)  
...deixar-te-ei esta carta...

ANACLETA (*no mesmo*)  
...deixar-te-ei esta carta...

PEDESTRE (*no mesmo*)  
...para conheceres quanto te amo...

ANACLETA (*no mesmo*)

...para conheceres quanto te amo...

PEDESTRE *(no mesmo)*

...e quanto desprezo o burro do teu marido.”

ANACLETA *(no mesmo)*

...e quanto desprezo o burro do teu marido.

PEDESTRE *(puxando-a para a frente do tablado, encruzando os braços e com grande tranquilidade)*

Que tens que dizer?

ANACLETA

Tudo me persegue...

PEDESTRE

E te crimina. *(Mudando de voz)* Olha para mim! Reconheces-me?

ANACLETA

Oh, para que deixei eu o Recolhimento para seguir este homem?

PEDESTRE

Já fizeste as tuas orações?

ANACLETA

Que queres tu dizer?

PEDESTRE

Recomenda tua alma a Deus, que eu esperarei um instante. *(Passeia)*

ANACLETA

Oh, André, André, piedade! Escuta-me!

*(Aqui entra Balbina com uma xícara de café)*

BALBINA

Está o café, meu pai. (*Pedestre dá com a mão na xícara e a atira pelos ares*) Ah!

PEDESTRE (*voltando-se para Anacleta e desembainhando a espada*)  
Estás pronta?

ANACLETA (*agarrando-se com Balbina*)  
Balbina! Balbina!

BALBINA  
Ai, ai!

PEDESTRE (*puxa Anacleta pelo braço, a qual arrasta Balbina consigo*)  
Tu vais morrer, mulher infiel, traidora!

ANACLETA (*gritando*)  
Quem me socorre, quem me socorre?

BALBINA (*ao mesmo tempo*)  
Meu pai, meu pai!

PEDESTRE  
Ninguém agora te arrancaria de minhas mãos! Quero vingar-me!  
Morre!

ALEXANDRE (*do buraco da porta*)  
Tenha mão!

PEDESTRE (*ao ouvir esta voz, volta-se e deixa o braço de Anacleta*)  
Ah, negro, diabo!

ANACLETA (*vendo-se livre, corre para dentro*)  
Socorro!

PEDESTRE (*conhecendo que foi o negro quem falou, segue a Anacleta, furioso*)  
Espera, espera! (*Saem ambos de cena*)

BALBINA

Meu pai, meu pai!

ALEXANDRE *(do buraco da porta)*

Psiu, psiu! Balbina, vem cá!

PAULINO *(do armário)*

O que será de mim? Misericórdia, que mortandade!

BALBINA *(correndo para Alexandre)*

Fuja, fuja; senão, mata-me também!

ALEXANDRE *(do buraco)*

Abra a porta, que fugiremos juntos. Já não quero ficar aqui nem um instante.

BALBINA

Ele tirou a chave!

PAULINO *(dentro do armário)*

Olé, o negro quer fugir com a moça! Aonde me meti eu!

ALEXANDRE

Balbina, Balbina, o que há de ser de nós? Quem mandou-me cá vir?  
Mas eu te amo tanto!

PAULINO *(do armário)*

O caso é esse, agora percebo: disfarçou-se, pintou-se de negro para cá entrar. Olhem que menino! Se eu não estivesse com tanto medo, ria-me do logro que levou o pedestre.

*(Ouve-se dentro gritos e bulha, como de uma pessoa que rola pelas escadas abaixo)*

BALBINA

Meu Deus, ele matou-a!

ALEXANDRE (*do buraco*)

Não é possível!

PAULINO (*no armário, fechando a porta*)

Eu desmaio... Quem me acode?

ALEXANDRE

Vai ver, vai ver, já não posso estar aqui... As pernas tremem-me...

(*Sai do buraco*)

### CENA IX

*Entra o Pedestre, ainda com a espada na mão e muito pálido e assustado.*

BALBINA

Meu pai, meu pai, o que tem? Tão pálido! Responda! E minha madrasta?

PEDESTRE (*apontando para dentro, todo trêmulo*)

Morta!

BALBINA

Morta! Meu Deus! (*Corre para dentro*)

PAULINO (*à parte, no armário*)

Um assassinato! E eu sou a causa, oh!

PEDESTRE (*como assustado*)

Ela me enganava... Está morta! Morta! E agora? Enterra-se... e fico descansado. Sim, descansado, tranquilo. Amanhã perguntar-me-ão por ela e eu... Oh, talvez fizesse mal... Mal? Se ela estivesse inocente... Inocente... Oh! (*Com ternura*) Anacleta, Anacleta! Mas ela traiu-me, fiz muito bem... O homem deve vingar-se... (*Com ternura*) Anacleta! Vem gente...

BALBINA (*entrando*)



Meu pai, meu pai, talvez ainda seja tempo de a salvar! Ela rolou pelas escadas abaixo e lá está caída, fria e sem sentidos... Acuda-a!

PEDESTRE

Não, ela traiu-me; esqueceu-se do meu nome, do meu amor e de minha confiança.

BALBINA

Venha, ou vá chamar um médico!

PEDESTRE (*com voz terrível*)

Não!

BALBINA

Meu Deus, compadecei-vos de nós! (*Sai*)

PEDESTRE

Morta, morta, morta! Talvez não fosse culpada; talvez, quem sabe? Que abismo! Inocente! Mas a carta, a carta? Teu marido é um animal... Animal! Oh, se tivesse o indigno sedutor debaixo dos pés, se o visse tremendo, enfiado nesta espada, ah! seria feliz! Pérfida! Insultado, desonrado! Oh, quisera nadar em sangue! Pérfida! (*Passeia agitado pela sala*) Esta escada quebrada... Desceria ele por aqui? Viria pelos telhados? Ah, (*vendo o boné*) um boné! Um boné em minha casa? Um boné! Querem-na mais clara? Mas um boné por si só é inocente, um boné nada vale... A cabeça que ele cobria é que é tudo. Procuremos a cabeça. (*Principia a procurar pela sala, furioso*) Não me há de escapar. (*Dirige-se para o armário e o abre*) Oh, cá está!

PAULINO

Quem me acode? Quem me socorre?

PEDESTRE (*arrancando-o do armário e puxando-o para frente da cena*)

Oh, és tu? O algoz da minha honra, da minha tranquilidade!

PAULINO (*trêmulo de susto*)

Eu não senhor, não senhor!

PEDESTRE (*pondo-lhe o boné na cabeça*)  
Este boné é teu... e esta cabeça é minha!

PAULINO  
Ai, ai, ai!

PEDESTRE (*furioso*)  
Ah, tu pensavas que havias de entrar no asilo conjugal pelo telhado, para roubares ao marido o seu bem! Ah, contastes com a minha fraqueza! Tu vais morrer na maré da noite!

PAULINO  
Ai, ai, quem me acode?

PEDESTRE  
Podes gritar. Tenho o direito de te matar. Vou arrancar-te esse coração... Grita... e morre!

PAULINO (*por um movimento rápido, desprende-se das mãos do Pedestre e corre pela sala, gritando*)  
Ai, ai, quem me acode? Querem-me matar!

PEDESTRE (*o segue de perto*)  
Não me escaparás; hás de morrer! (*Atira uma estocada em Paulino, pelas costas*) Morre!

PAULINO (*deixando-se cair ao chão de bruços, com os braços estendidos*)  
Ai, estou morto!

PEDESTRE (*parando repentinamente*)  
Morto! Também ele! Matei-o! (*Deixa cair a espada, trêmulo, e vem assentar-se junto à mesa, e aí permanece por alguns instantes, silencioso. Paulino, enquanto o Pedestre caminha para a mesa, e durante o tempo que aí demora-se sentado, levanta a cabeça e observa.. Pedestre, depois de alguns momentos de silêncio*) Fiz o que devia.

PAULINO (*à parte*)

E eu também...

PEDESTRE (*levantando-se, pensativo*)

Nasce o homem tranquilo e inocente e depois faz duas mortes...  
Duas mortes! Fado e destino da humanidade! (*Caminha para junto de Paulino, que se conserva imóvel*) Vil sedutor, cadáver aborrecido!  
(*Empurra-o com o pé e ele rola*) Ressuscita outra vez, que te quero ainda matar de novo, cevar-me no teu sangue, arrancar tuas tripas!  
Oh, ressuscita outra vez!

PAULINO (*à parte*)

Assim era eu tolo!

PEDESTRE

Minha vingança está satisfeita; dormirei tranquilo... Tranquilo? Mas a força? A força! Oh, que nem dela me lembrava! Oh, por que levantou a justiça este horrível fantasma entre o homem e a sua legítima vingança? Oh, bem se vê que quem inventou o Código e a força não tinha mulher que o traísse... Que farei? Como ocultar estas duas mortes, como esconder estes dois corpos, que farei? Ah! (*Como ferido de uma idéia repentina, corre para o quarto aonde está Alexandre e sai*)

PAULINO (*levantando a cabeça com cautela e espiando*)

Foi-se... O que iria fazer? Se a chave estivesse na porta, eu metia pernas... Mas o endemoninhado a tirou... O melhor é continuar a fingir-me de morto. Mas que diabo quererá ele fazer do meu corpo? Ora, é bem feito, para eu não me meter em camisas de onze varas, saltar telhados e bolir com as mulheres dos outros. Se escapar desta, podem todos os que têm mulheres dormirem com as portas abertas, que eu abrenuntio... Ele aí vem... Estou morto...

## CENA X

*Entra o Pedestre, conduzindo por uma mão Alexandre e tendo na outra um saco.*

PEDESTRE (*para Alexandre*)

Nem uma palavra, e faze o que eu te mando; do contrário, mato-te como o matei... (*Apontando*)

ALEXANDRE (*assustado, vendo Paulino*)

Ah!

PEDESTRE

Então?

ALEXANDRE (*à parte*)

É alta noite, e eu só com este desalmado, em sua casa...

PEDESTRE

Decide-te!

ALEXANDRE

Sim sinhô. (*À parte*) O melhor é obedecer-lhe e ver se me safo...

PEDESTRE

Vem cá. É preciso metê-lo neste saco, ajuda-me. (*Ambos principiam a meter Paulino dentro do saco. Durante esta operação, Paulino conserva toda a aparência de um corpo morto*) Anda mais depressa, não tremas. Ele ainda está quente... Patife! Assim metido no saco, tu o levarás às costas e o lançarás ao mar. (*Tirando uma corda da algibeira*) Amarremos a boca do saco. (*Amarram a boca do saco*) Eu te acompanharei até a praia; depois dar-te-ei a liberdade... Bom, está amarrado. Agora espera um instante, enquanto vou ver se alguma ronda se aproxima, ou se passa alguém pela rua. (*Sai pelo fundo e fecha a porta por fora*)

## CENA XI

*Alexandre e Paulino metido no saco.*

ALEXANDRE

Fecha a porta... e deixa-me só com um homem morto! Mas quem é este homem? Por que o matou ele? Oh, tenho os cabelos arrepiados... Só com um cadáver! Que vim eu aqui fazer? Que horrível noite! E Balbina? Está junto da madrastra também morta... Oh, que terrível pedestre! O que farei, o que farei?

PAULINO (*dentro do saco, sentando-se*)  
Fugirmos...

ALEXANDRE (*recuando, espavorido*)  
Ah!

PAULINO (*no mesmo*)  
Não se assuste, que eu estou vivo...

ALEXANDRE  
Vivo!

PAULINO (*no mesmo*)  
Sim, sim. Pois não ouve que estou falando?

ALEXANDRE (*aproximando-se*)  
Ah!

PAULINO (*no mesmo*)  
Ele saiu... E eu espero que o senhor não me lance ao mar dentro deste saco. Ande, tire-me daqui. Eu bem sei por que o senhor também está cá; tudo tenho ouvido. Veio por uma e vim por outra... Ande, tire-me daqui e fujamos... Ande depressa, uf!

(*Alexandre, que durante o tempo que Paulino fala está como pensativo, exclama, logo que ele tenha acabado: Balbina, Balbina! e sai pela direita, correndo*)

## CENA XII

*Paulino, só, dentro do saco.*

PAULINO

Então? Ó senhor? Foi-se... E esta! (*Põe-se em pé*) E deixou-me só, dentro do saco... Se eu pudesse arreventá-lo! (*Faz esforços*) Nada! Estou aviado, quero dizer, estou ensacado... Ó amigo? (*Vai dar alguns passos, atrapalha-se no saco e cai*) Ai, que fiz um galo na testa. Quem me mandou cá vir? (*Sentando-se*) Sr. Paulino, Sr. Paulino, quem diria a vossa mercê que um dia se veria assim preso... (*Ajoelhando-se*) Minha Nossa Senhora do Amparo, amparai-me nestes apertos, que eu vos prometo um saco de café, um saco de feijão e um saco de farinha! (*Levantando-se*) Mas no entanto, esperando que a Senhora do Amparo se lembre de mim, não será mau que eu também faça alguns esforços para safar-me. A porta deve ser deste lado; o diabo é se encontro o meu assassino... Vamos a arriscar, e caminhemos à maneira do sapo; senão, arrevento as ventas. (*Principia a caminhar pela cena, saltando de pés juntos*)

### CENA XIII

*Entra Alexandre e Balbina.*

ALEXANDRE (*entrando*)

Só assim nos salvaremos!

PAULINO (*parando*)

Ouçó vozes...

ALEXANDRE

Tua madrasta já tomou a si; estava apenas atordoadada pela queda que deu pela escada, fugindo de teu pai. Lá ficou deitada na sua cama. Está salva; agora, salvemo-nos também... E só o meio de que te falei... E uma vez fora daqui, tenho o meu plano...

BALBINA

A ti me entrego. (*Alexandre beija-lhe a mão*)

ALEXANDRE (*para Paulino, que está imóvel*)

Ah, senhor?

PAULINO (*ouvindo que falam com ele, salta apressado, fugindo*)  
Deixe-me, deixe-me, não me mate, Sr. Pedestre!

ALEXANDRE (*correndo atrás dele e segurando*)  
Não se assuste, sou eu...

PAULINO  
Ah, é o senhor?

ALEXANDRE  
Sim, sou eu. Quer sair deste saco?

PAULINO (*com presteza*)  
Sim senhor!

ALEXANDRE  
Ver-se na rua...

PAULINO  
Sim senhor!

ALEXANDRE  
Livre e desembaraçado?

PAULINO  
Sim senhor!

ALEXANDRE  
Jura fazer o que eu lhe disser?

PAULINO  
Juro, sim senhor!

ALEXANDRE  
Palavra de honra?

PAULINO

Palavra de honra!

ALEXANDRE

Muito bem. (*Desata o saco*)

PAULINO (*botando a cabeça fora do saco*)

Ah, enfim!

ALEXANDRE

Tenho a sua palavra...

PAULINO

Conte com ela. (*Tendo saído do saco*)

ALEXANDRE (*para Balbina*)

Balbina, vem, não tenhas medo. Este é o único modo, como te disse, de sairmos daqui.

(*Alexandre põe o saco no chão, aberto, e Balbina, colocando-se sobre ele, deixa que Alexandre levante as bordas, e vê-se assim dentro do saco*)

PAULINO

Que diabo é lá isso? Aqui nesta casa ensaca-se gente como farinha... E como hei de eu sair daqui?

ALEXANDRE (*amarrando a boca do saco*)

Quer vir outra vez para o saco?

PAULINO

Nada, quero saber como hei de sair desta caverna de assassinos.

ALEXANDRE

Acompanhando-me quando eu sair com o pedestre, levando este saco às costas.



PAULINO

Bravo, compreendo excelentemente! É melhor do que ser atirado ao mar

*(Ouve-se bulir na fechadura)*

ALEXANDRE

Ele aí vem...

*(Paulino corre, apressado, e esconde-se no armário, e Alexandre põe Balbina dentro do saco ao ombro)*

#### CENA XIV

*Entra o Pedestre.*

PEDESTRE

Tudo está em silêncio, não passa ninguém... Fui até ao canto e não avistei viva alma. Vamos, com cuidado; depois virei buscar o outro corpo. Apaguemos a luz.

*(Apaga a vela e sai seguido de Alexandre, que leva Balbina as costas. Tendo saído, fecha a porta por fora)*

#### CENA XV

*Paulino, logo que o Pedestre e Alexandre saem, abre a porta do armário e vai saindo com cautela.*

PAULINO

Creio que fecha a porta... Mau! E deixou-me no escuro. *(Encaminha-se para a porta e conhece que está fechada)* Está fechada! Fechada! Oh, com mil diabos, estou ainda preso e em seu poder! Meu Deus, quando sairei eu desta maldita casa? Só, no escuro e com uma defunta... Ela está lá dentro morta e fui eu a causa da sua morte! Não tarda muito que venha sua alma por aí a pedir-me contas... Já tenho os cabelos todos arrepiados. Escapei de morrer apunhalado,

afogado, mas de certo morrerei assombrado. Que noite, que noite!  
(*Dá dentro uma hora, ao longe*) Uma hora! É a hora das almas do outro mundo... E eu fechado sozinho com uma defunta! (*Do buraco da primeira porta à esquerda salta em cena um gato; ao ruído que este faz, saltando, Paulino se assusta e cai de joelhos*) Ai, misericórdia, misericórdia! Padre nosso, que estás no céu, santificado seja vosso nome... santificado... venha a nós... que estás no céu... vosso nome... santificado... o pão nosso... santificado... que estás no céu... seja o vosso nome... as vossas dívidas... Creio que se foi embora... Nada ouço. (*Levanta-se*) É a alma da desgraçada, que anda penando... Infeliz, Deus se compadeça de ti e por lá te tenha muito tempo sem mim... Ora, é célebre! Como eu perdi o amor a esta mulher, depois que ela morreu... Está-me parecendo que o medo que tenho rapado esta noite é que essa mudança. Ai, ai, eu daria o amor de todas as mulheres solteiras, casadas, viúvas e etc., só para me ver fora daqui e... (*Aqui abrem a porta da direita*) Aí vem ela! É uma sombra branca... que vai até o teto... Ai, ai! (*Cai de joelhos*)

## CENA XVI

*Anacleto entra pela direita.*

ANACLETA (*entrando*)

Deixaram-me só... fugiram todos... Que homem bárbaro! Como está escuro! Estou só, só e abandonada. Como tenho a cabeça abalada da horrível queda que dei... Talvez Balbina esteja no seu quarto; vejamos. Ela não teria coração de desemparrar-me, fraca como estou.

PAULINO (*enquanto Anacleto tem este pequeno monólogo, reza em voz baixa*)

Salve Rainha, que estás no céu... neste vale de lágrimas... perdoai o pão nosso... assim como nós na vida eterna... amém Jesus... (*Etc.*)

(*Anacleto, dirigindo-se para a esquerda, a fim de entrar no quarto de Balbina, esbarra-se em Paulino, que está de joelhos, e ambos se assustam*)

ANACLETA (*assustando-se e recuando*)

Ai!

PAULINO (*caindo de bruços*)  
Misericórdia, misericórdia!

ANACLETA (*à parte*)  
Quem será?

PAULINO (*de bruços*)  
Senhora Alma do outro mundo, tenha compaixão de mim! Quem a matou foi seu marido... Agarre-se com ele e leve-o para o inferno... Mas eu, senhora?

ANACLETA  
Ai, que é o vizinho que ainda está por cá e julga-me morta.  
(*Dirigindo-se para Paulino*) Senhor...

PAULINO (*à parte*)  
Senhor! Esta alma é muito bem criada...

ANACLETA  
Sou eu, não se assuste, não tenha medo...

PAULINO (*à parte*)  
Parece-me boa pessoa, coitadinha!

ANACLETA  
Como se acha ainda aqui? Responda!

PAULINO  
Assim era eu tolo!

ANACLETA  
Meu marido que me julga morta...

PAULINO (*levantando-se pouco a pouco*)  
Que a julga morta?

ANACLETA

Só porque, fugindo eu do seu furor, rolei pelas escadas e caí sem sentido.

PAULINO (*sentado*)

Pois a senhora não está morta? Pois eu não estou falando com a sua alma?

ANACLETA

Eu morta! Talvez assim me julgassem, por isso me abandonaram. Mas graças a Deus ainda estou viva.

PAULINO (*levantando-se*)

Ainda está viva! Eu também estou vivo... Também já estive morto. Ambos estamos vivos e fechados nesta casa... E foi ele quem nos fechou... Ele mesmo, o marido... Oh, que pedestre estúpido!

ANACLETA

Senhor!

PAULINO

Não se assuste... Há uma hora que eu teria dado quanto possuo para estar como estou, só convosco. Mas as coisas mudaram; esta única hora tem-me envelhecido mais de cinquenta anos. Saltei pela minha janela, trepei no vosso telhado, escorreguei três vezes, desci pela vossa escada, quebrei-a, presenciei os furores de vosso marido, chorei a vossa morte, fui assassinado, metido em um saco, meu Deus! e tudo isto em uma hora! Não seria melhor que eu estivesse deitado em minha cama, roncando debaixo dos lençóis?

ANACLETA

O senhor foi de tudo isso culpado e causa do que eu tenho sofrido.

PAULINO

Serei eu o culpado de tudo, carregarei com mais essa – hoje estou pronto para tudo. Mas sempre vos direi que, se me tivésseis dado

com as janelas na cara quando eu lá da minha vos namorava, não teria acontecido tudo isto...

ANACLETA

Nunca lhe dei esperanças; conhecia os meus deveres. Se às vezes lhe dava atenção, era para distrair-me da insipidez em que vivia.

PAULINO (*furioso*)

Para distrair, para distrair-se! E a tanto me arrisquei! Oh, grandíssimo pateta, pedaço de asno! Camelo, camelório, que tanto te arriscaste por uma mulher que se divertia contigo! Arrebento!

ANACLETA

Não grite tanto, que ele pode vir...

PAULINO

Ele! Oh, agora é que minha morte é certa... E que morte? E por quem? Arreda, mulher, arreda! Eu agora preferia estar com tua alma... Sim, com tua alma, porque ainda não vi nenhum marido ter ciúmes da alma de sua mulher...

ANACLETA

Senhor!

PAULINO

Oh, estou capaz de te matar para ficar só com tua alma!

ANACLETA

Meu Deus!

PAULINO

Tudo está acabado, tudo! Amanhã estarei morto! Ó Sol que me alumiais, amanhã verás o meu enterro subindo pela Ladeira de Santo Antônio... Não escapo, não posso escapar... Aqui encontrado, só com ela, morrerei às suas mãos. Oh!

ANACLETA

Fujamos, fujamos!

PAULINO

Fugir contigo! Oh, de ti fugiria eu, se a porta estivesse aberta. Fugir com uma mulher! Oh, leve o diabo todas as mulheres e quem acredita nelas e...

ANACLETA (*muito assustada*)

Ele aí vem! (*Dirige-se para a direita e sai*)

PAULINO (*assustado*)

Aí vem! (*Dirige-se para a esquerda e entra no quarto e fecha a porta*)

## CENA XVII

*Entra o Pedestre, muito assustado.*

PEDESTRE

Estou perdido! O melhor é fugir enquanto é tempo... É preciso levar alguma coisa. (*Dirige-se para a mesa e, abrindo a gaveta, tira uma caixinha de fósforo e acende a vela*) Ao dobrar a segunda esquina, esbarramos mesmo com uma patrulha... O negrinho meteu logo pernas com o saco às costas, e eu também. Pega, pega! gritava a patrulha, e eu do mesmo modo gritava: Pega, pega! para não desconfiarem de mim. Mas no primeiro canto furtei-lhe a volta e vim mais que depressa para casa... Ah, mas não posso escapar! O negrinho será preso com o corpo às costas; falará... Aqui virão, e o outro corpo... Está dito, nasci para morrer enforcado por causa das mulheres, que tantos trabalhos me têm dado. Vou ajuntar o pouco dinheiro que tenho e ponho-me ao fresco... Quem quiser que a enterre... Oh, diabo, deixei a porta aberta! (*Dirige-se para fechar a porta do fundo*)

## CENA XVIII

*O Pedestre, ao chegar à porta, recua por nela aparecer Roberto.*

ROBERTO (*da porta*)

Dá licença?

PEDESTRE (*recuando*)

Ah! (*À parte*) Estou perdido!

ROBERTO (*entrando*)

Desculpe-me, se a estas horas...

PEDESTRE (*à parte*)

Toda a hora é boa para se prender e enforcar um homem...

ROBERTO

Só muito poderoso motivo me obrigaria a incomodá-lo a horas tão indevidas...

PEDESTRE

Ai, que o homem não é o que eu pensei... Não me vem prender... Sem dúvida quer que eu lhe procure algum escravo fugido. (*Alto*) Que ordena vossa senhoria?

ROBERTO

Senhor, há apenas doze horas que desembarquei chegando da Índia...

PEDESTRE

Ah, e ele já fugiu... Sem dúvida, ao desembarcar...

ROBERTO

Ele quem?

PEDESTRE

O seu escravo.

ROBERTO

Não é de um meu escravo que lhe venho falar.

PEDESTRE

Ah! (*À parte*) Que diabo será? (*Alto*) Então far-me-á o favor de dizer depressa o que quer. Bem vê que a estas horas...

(*Aqui Anacleta espreita pelo buraco da porta para a cena e nesse jogo continua*)

ROBERTO

Direi o que quero, e peço me desculpe. Há dezoito anos que um motivo, que é inútil agora dizer, obrigou-me a deixar o Rio de Janeiro, minha pátria. Parti para costa da África; mas antes, cruel e imperiosa necessidade obrigou-me a lançar na roda dos enjeitados minha querida filhinha. Com o coração partido de dor deixei esta terra, chorando a amante que o túmulo me roubara e a filha que deixava entregue a alheia caridade. Dezoito anos de exílio... Ah, mas à custa de privações e trabalhos conquistei uma fortuna de príncipe. (*O Pedestre tira o boné que conservava na cabeça*) Uma fortuna colossal para oferecer à minha filha, que abandonada passara a sua mocidade... Esta manhã entrava eu pela barra; três navios preciosamente carregados seguiam-me... E estes três navios pertencem-me.

PEDESTRE

Três navios!

ROBERTO

Ao saltar em terra, apressado dirigi-me para a Santa Casa da Misericórdia, a fim de saber se minha filha ainda vivia. Como ia ansioso e trêmulo! Aí chegando, perguntei por essa inocente menina que havia dezoito anos dava-me forças para tanto sofrer e coragem para trabalhar... Dei os necessários sinais – uma cruz de ouro esmaltada, orlada de azul...

PEDESTRE (*espantado*)

Uma cruz de ouro!



ANACLETA (*da porta, à parte*)

Uma cruz de ouro!

ROBERTO

Foi-me respondido que essa menina, não tendo sido reclamada, o Recolhimento a dotara e casara. Perguntei com quem; disseram-me que com um homem que ao depois se fizera pedestre.

ANACLETA (*da porta, à parte*)

Meu Deus!

PEDESTRE (*assombrado, ao mesmo tempo*)

É ela! Oh!

*(Aqui Paulino principia a espiar pelo buraco da porta à esquerda; com cautela, porém, para não ser visto)*

ROBERTO

Com um pedestre! exclamei eu. Não importa. Se esse homem a tem feito feliz, se na pobreza a que seu estado o condena tem suavizado a sua sorte com os dotes de alma, se na vida doméstica a tem feito esquecer o abandono de sua mocidade, esse homem será meu genro. Amanhã terá um palácio magnífico, numerosos criados, ricas equipagens...

PEDESTRE (*à parte*)

Oh, e eu a matei!

ROBERTO

...ouro em que se possa fartar, ouro em abundância para satisfazer seus menores caprichos.

PEDESTRE (*à parte*)

E eu a matei!

ROBERTO

Amanhã pisará o mais soberbo com a sua imensa riqueza e esmagará o mais rico com sua esplêndida ostentação.

PEDESTRE (*à parte*)

Oh, e eu a matei!

ANACLETA (*à porta e à parte*)

Meu Deus, é isto possível?

ROBERTO

Os homens que me ouviam deixaram primeiro passar esta torrente de exaltação e depois ensinaram-me a casa de meu genro. Meti-me em uma carruagem e dirigi-me para vossa casa. E agora, senhor, vós que sois o seu marido, ah, dizei-me: minha filha?

PEDESTRE (*como alucinado*)

Vossa filha?

ROBERTO

Vive feliz? Não tem amaldiçoado seu pai?

PEDESTRE (*no mesmo*)

Seu pai!

ROBERTO

Onde está ela? Quero abraçá-la.

PEDESTRE (*no mesmo*)

Abraçá-la, abraçá-la!

ROBERTO

Sim, apertá-la contra o meu peito, fazê-la feliz... E a vós também, a vós que a tendes amparado. Oh, conduzi-me, conduzi-me para junto dela!

PEDESTRE (*com a fisionomia desfigurada e tomando Roberto pelo braço*)

Vossa filha... está morta!

ROBERTO

Morta!

PEDESTRE

Sim, e fui eu, eu mesmo que a matei!

ROBERTO

Oh, grande Deus, que tenho ouvido?

*(Neste tempo Anacleta tem saído do buraco da porta)*

PEDESTRE *(louco)*

Ela me traiu... seu amante... matei-os, fiz muito bem! Portas fechadas... nada valeram... Enganou-me... matei-a... Está morta! Palácios, equipagens, ouro, muito ouro, tudo ela me fez perder... Por sua causa viverei na miséria!

ROBERTO *(como aniquilado)*

Meu Deus!

PEDESTRE

Oh, se ela não se deixasse matar, hoje tinha três navios, três! Diabos que me tentaram! Estava rico, rico, muito rico... Ah, mulher, o que me fizeste perder!

ROBERTO *(com energia)*

Ah, sois o seu assassino? O assassino de minha filha? Ah, não saireis de minhas mãos!

PEDESTRE *(sem dar atenção a Roberto)*

Mulher que me perdeste na vida e na morte, mulher que me danaste em vida e me arruínas na morte, mulher que me persegues ainda defunta, os diabos te levem!

ROBERTO

Ah, chamarei pela justiça, clamarei vingança!

PEDESTRE (*como em confidência*)

Escutai, escutai... em segredo... que ninguém nos ouça...

ROBERTO

Assassino!

PEDESTRE (*no mesmo*)

Escutai... eu vos darei um dos meus três navios para que lhe dê vida e eu possa assim ficar com os outros dois... Vinde, que ela ali está...

ROBERTO

Ali!

PEDESTRE

Sim, sim, está morta... Mas vós lhe dareis vida por um navio... vinde... silêncio... Dar-vos-ei um dos navios que ela me fez perder...

ROBERTO (*deixando-se conduzir pelo Pedestre*)

Oh!

PAULINO (*à parte, do buraco*)

Atenção, agora é que são elas...

(*Logo que o Pedestre e Roberto estão a dois passos da porta, esta abre-se repentinamente e Anacleta, que por ela saí, abraça-se com Roberto*)

ANACLETA (*abraçando Roberto*)

Meu pai, meu pai!

ROBERTO (*surpreendido*)

Ah!

PEDESTRE (*vendo Anacleta, recua espavorido até a extremidade esquerda e vem encontrar-se à porta em cujo buraco está Paulino*)

Fantasma, fantasma!

ANACLETA (*nos braços de Roberto*)

Sou eu, meu pai, sou sua filha, eis aqui a cruz... (*Mostrando a cruz ao pai*)

ROBERTO (*abraçando-a*)

Sim, sim, és minha filha! Filha, querida

filha! Meu Deus!

ANACLETA (*ao mesmo tempo*)

Meu pai, meu pai!

(*Enquanto Roberto abraça a filha e continua em uma cena muda de reconhecimento e expansão, o Pedestre está aterrorizado, encostado à porta, tremendo*)

PEDESTRE

É ela, é a sua alma! Deixai-me, deixai-me! (*Diz isto ao mesmo tempo que Roberto fala com Anacleta*)

PAULINO (*do buraco da porta para o Pedestre*)

Olá, não tenha medo... Não trema tanto...

PEDESTRE (*ouvindo falar sobre a sua cabeça, olha, e vendo a cara de Paulino, diz com grande terror*)

Oh, também o outro fantasma! (*Precipita-se para a porta do fundo, a fim de fugir*)

PAULINO (*do buraco*)

Espere...

(*Continua a cena muda entre Roberto e Anacleta. Pedestre caminha para o fundo, e quando vai a sair, encontra-se com Alexandre, que trazendo ainda às costas Balbina, dentro do saco, vem preso por uma patrulha. A esta inesperada visita, dá um grito e recua para a extremidade direita do proscênio, e aí caindo de joelhos treme espavorido*)

CABO (*entrando acompanhado dos soldados e Alexandre*)  
Quem é o dono desta casa?

PAULINO (*do buraco*)  
Bravo, estamos todos reunidos!

ROBERTO  
Soldados! O que é isto?

CABO  
Quem é o dono desta casa?

ANACLETA (*para o Cabo, apontando para o Pedestre*)  
Ali está. Mas, Sr. oficial...

CABO (*indo para o Pedestre*)  
Senhor, levantai-vos. (*O Pedestre levanta-se*) Aquele negro foi encontrado na rua com um saco às costas, dentro do qual está um cadáver...

ROBERTO  
Um cadáver!

ANACLETA (*ao mesmo tempo*)  
Um cadáver!

CABO  
Sim, que daqui saiu. E do mesmo modo o trouxe para se proceder ao corpo de delito.

ROBERTO  
Um cadáver!

PEDESTRE (*levantando-se*)  
Sim, um cadáver... (*Apontando para Paulino, que se conserva no buraco da porta*) ...e ali está a sua alma!

PAULINO

Ah, ah, ah!

TODOS

Sua alma!

PEDESTRE

Fui eu que o matei! Abram e verão... Fui eu que o matei, assim como matei esta mulher...

ANACLETA

Eu estou viva, graças a Deus!

PAULINO (*do buraco*)

E eu também...

ALEXANDRE (*que a este tempo tem posto o saco em pé no chão e desatado a boca e descoberto a cara de Balbina*)

E esta também...

CABO

Oh!

ROBERTO (*ao mesmo tempo*)

Oh!

ANACLETA

Balbina!

PEDESTRE

Vivos! Todos vivos! Ressuscitaram! Oh! (*Dirigindo-se para a mulher*)  
Mulher!

ANACLETA (*amparando-se com Roberto*)

Meu pai, salvai-me!

ROBERTO (*para o Pedestre*)

Para longe!

PEDESTRE

Mulher, eu te matei... Eu o matei também... (*Apontando para Paulino*)  
E tu e ele ficaram vivos nesta casa, juntos, fechados... e fechados por mim, por mim próprio! Oh, de que me serviu trancar portas e fazer duas mortes? (*Dirigindo-se para – Balbina*) E tu te deixaste furtar por um negro, que eu mesmo conduzi para fora de casa... Oh, de que me serviram as fechaduras, os cuidados, os ciúmes, a palmatória? Oh, estou desenganado! (*Dirigindo-se para Roberto*) Senhor, levai vossa filha, que já me não pertence... Eu a matei, estou viúvo... Dai-lhe todos os vossos navios e riquezas; ide morar com ela em um palácio, que eu não... Em um palácio! Oh, em um palácio, que tem tantas portas e janelas! Ah, esta casa só tinha uma porta, e assim mesmo... Não, não, levai-a... Não sei, não posso vigiar mulheres, estou desenganado, vou ser frade!

ANACLETA

André!

PEDESTRE

Arreda!

ROBERTO

Filha! (*Retendo-a*)

PEDESTRE (*para Balbina*)

E tu, que tão indignamente me enganaste, casa-te com este negro, que estou vingado!

ALEXANDRE

Aceito a vossa palavra. (*Passa a mão no rosto e, limpando a face, mostra ao Pedestre*)

PEDESTRE



Oh, faltava-me esta! Minha resolução está tomada... *(Para o Cabo)*  
Senhor, prenda-me e leve-me para o convento; eu quero ser preso.  
*(Dizendo estas palavras, agarra na gola da farda de um dos soldados e na do Cabo)* Estou preso!

PAULINO *(do buraco)*  
Ah, ah, ah!

CABO  
Largue-me, largue-me!

PEDESTRE  
Não me deixem fugir...

ANACLETA  
André!

BALBINA *(ao mesmo tempo)*  
Meu pai!

PEDESTRE *(para as duas)*  
Deixem-me, estou preso pela polícia para ser frade! *(Para o Cabo)*  
Não me deixem fugir... Adeus, ó mundo, adeus, mulheres! Vamos!  
*(Vai-se pelo fundo, levando o Cabo e soldado consigo)*

CABO *(levado à força)*  
Espere, espere!

ANACLETA  
Meu pai!

ROBERTO *(ao mesmo tempo)*  
Filha!

BALBINA *(ao mesmo tempo)*  
Alexandre!

ALEXANDRE (*ao mesmo tempo*)  
Serás minha!

PEDESTRE (*saindo pelo fundo*)  
Vou ser frade!

PAULINO (*do buraco*)  
E eu vou dormir, que já deu uma hora...

*(Alexandre ajoelha-se aos pés de Balbina; Roberto abraça Anacleto. Cai o pano, ouvindo-se sempre a voz do Pedestre, dentro)*

PEDESTRE (*dentro*)  
Quero ser frade, quero ser frade!



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)